

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

Nedli Magalhães Valmorbida¹

Resenha da obra de Bernhard Schlink *Entre os muros da escola*:

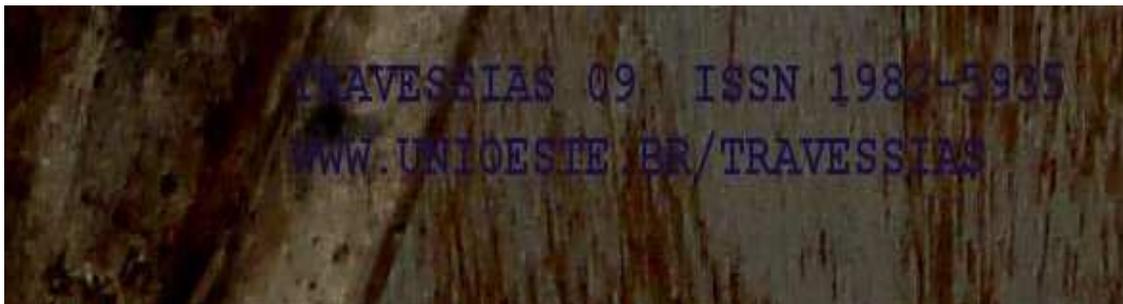
A obra focaliza uma escola da periferia de Paris, o envolvimento dos estudantes frente às adversidades de uma cultura que não os identifica como portadores de suas próprias culturas, por serem originários de famílias de imigrantes.

Filme vencedor da Palma de Ouro no festival de Cannes, no ano de 2008, fundamentado na obra de François Bégaudeau, focaliza a experiência de um professor de Francês, a nível ginásial, em uma escola multicultural na periferia de Paris. Um dos aspectos pitorescos é que o elenco dos alunos não é formado por profissionais, o que confere ao filme uma aparência de improvisada autenticidade e o papel do professor é interpretado pelo autor da obra.

Os professores chamavam-se Bastien, Chantal, Claude, Daniele, Élise, Gilles, François, Géraldine, Jaqueline, Jean-Philippe, Julien, Line, Luc, Léopold, Marie, Rachel, Sylvie, Valérie e a permanência deles na escola, variava entre dois a quinze anos.

Ao iniciar o ano letivo, já de posse das listas de chamada, ao trocar informações, previamente classificam os alunos junto aos seus colegas, como bons, ruins, ou mais ou menos. Ao lado dos nomes mencionados, as anotações para que não esquecessem as

¹ Nedli Magalhães Valmorbida- Professora de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Pós-Graduação em Supervisão Escolar; Pós-Graduação em Teoria da Literatura; Mestre em Letras - Leitura e Cognição; Atualmente, Assessora Pedagógica da Secretaria de Educação de Porto Alegre.
Nedli_val@terra.com.br



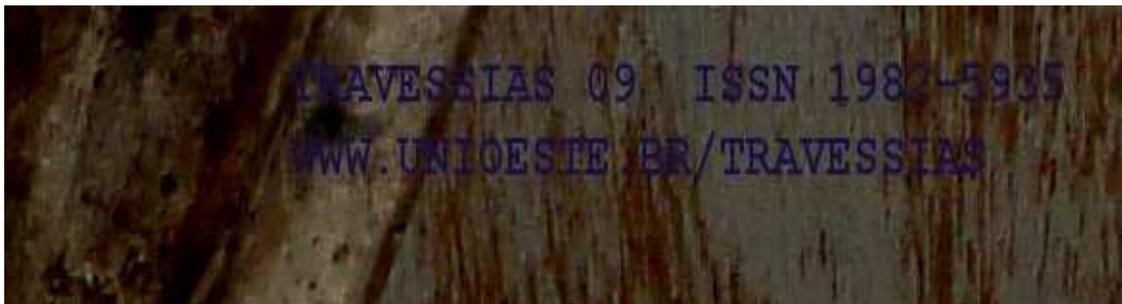
importantes informações. Dessa maneira, o sucesso ou o fracasso escolar já estaria previamente respaldado por esse conselho informal, que antevia tudo na escola, que tudo sabia e a todos conhecia, melhor: já emitia parecer, prévio para alívio e solução dos possíveis problemas que poderiam acontecer.

Mesclam-se a assuntos pedagógicos, a todo instante, problemas de estrutura funcionais da escola, como o custo do cafezinho e com a máquina para fazê-lo. A cada situação relevante e decisiva referente aos alunos, a alternativa passa pelo oferecimento de um biscoito, ou do anúncio festivo da gravidez de uma professora.

Trabalhavam em uma escola da periferia de Paris, mas poderia ser a representação conflituada de uma escola brasileira, ou em outra parte do mundo, pois apesar das diferenças estruturais das escolas, a essência dos problemas assemelha-se.

Os alunos chamavam-se Louise, Arthur, Souleymane, Koumba, Esmeralda, entre outros, provenientes do entorno parisiense. Nós nos apercebemos, por vezes, no papel desses alunos, interagimos com os atores, no papel revolucionário, mas acomodados, normalmente, com medo da repressão, que certamente adviria. Podemos nos colocar, também, na função do professor, às vezes repressor, ou na tentativa de ser protagonista de mudanças sociais e educacionais ao interagir com os alunos.

O educador prefere nomeá-los e conhecê-los, mérito seu, mas é contestada a sua maneira de interagir com os alunos, ao solicitar que façam o seu perfil, expondo as suas mazelas, pois há quem discorde, gerando conflito.

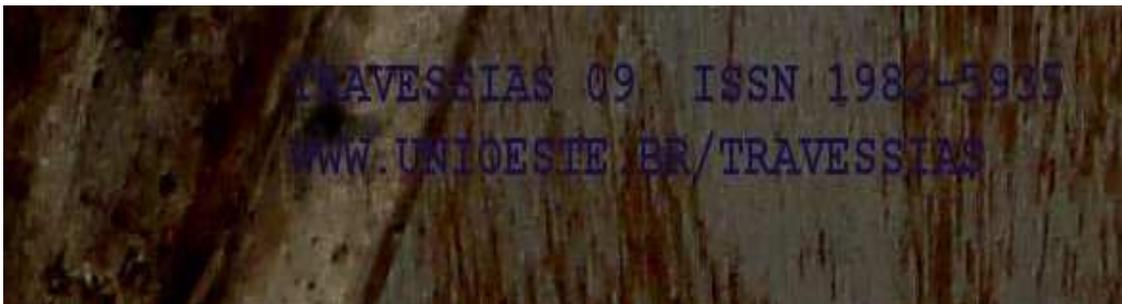


Seus alunos, de variadas culturas étnicas, possuem interesses de aprendizagens que colidem com os do professor. A tentativa de adaptação dos alunos é constante, mas não há uma real integração, pois são destacados de forma subliminar, os valores do país que os acolheu. O filme faz-nos perceber a dificuldade de motivar pessoas tão desesperançadas, banidas, por diversas razões das suas pátrias. Os jovens percebem que não há lugar de inclusão para eles e que já estão fora de um mercado de trabalho.

Há um tensionamento constante das relações e, fica-se à espreita em cada manifestação, de erro, ou de acerto do professor, ou do aluno, para a pândega imediata. Sem perdão, sem chance de acerto, de retomada que proporcione a contrapartida para um novo conhecimento, as relações de saber perdem-se nos jogos do poder.

Entre o desejo de ensinar, que é honesto por parte do professor, e o desejo do aprendizado de algo significativo, por parte dos alunos, há uma grande defasagem. Ao ser inquirido, no entanto, em uma de suas aulas, sobre o objetivo de aprender determinada forma verbal, em Francês, o professor admite as marcas sociais da língua e que a mesma deveria fazer sentido ao seu usuário, concordando com os estudantes. Percebe que o questionamento tem significado, pois se os educandos o ressignificam, não o esquecerão.

O clímax do conflito anunciado, desde o início, ocorre com a expulsão de um aluno, tido como rebelde, mas que defende as colegas diante das palavras ofensivas do professor de Francês. Ao educador, ao ofensor, nada sucede, nenhuma sanção, somente a formalidade de um conselho escolar, para ratificar uma situação que já estava definida, há muito, pois Khoumba, o aluno contestador, já estava sendo apontado como fracasso escolar, no início do ano letivo.



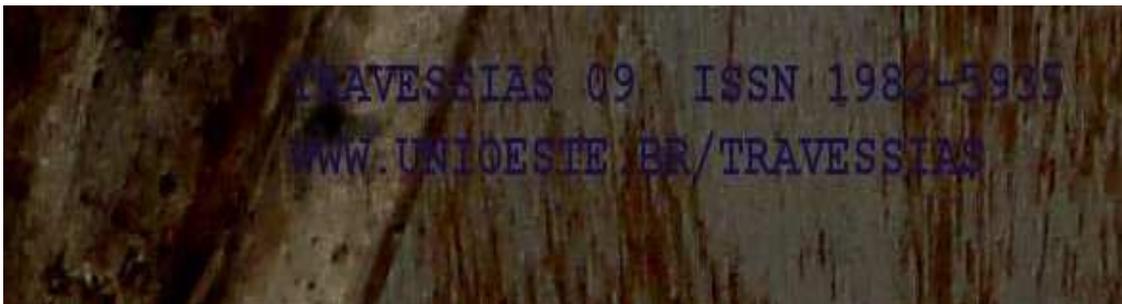
De nada valeram as declarações da mãe, afirmando a competência do filho nas várias tarefas que a vida requeria. A expulsão aconteceu, com as prováveis consequências: a volta de Khoumba para o seu país que o refutou. Ao dar-se conta de tamanha repercussão, o professor tenta, de maneira velada, atenuar a atitude do aluno, mas a sua iniciativa perde-se nos corredores confortáveis da sua consciência. O fato consuma-se, conforme a previsão inicial.

A altivez com que essa mãe defendia o filho, enaltecendo-o, sem falar palavra em Francês foi comovedora. A saída dela e do filho foi algo perturbador. Corredor afora saem, a sós, mãe e filho, cabeças erguidas, com a dignidade resguardada, transparecendo, visivelmente, também, através da vestimenta tribal da mãe. Como a escola perdeu em uma possível interação cultural que poderia ter ocorrido!

Ao final do ano, ao serem inquiridos, os alunos dizem o que realmente aprenderam, e, cada um, vai encantando o professor, nas mais diversas áreas do conhecimento, que vão pontuando. É Esmeralda quem o desconcerta, ao dizer que lera a *República*, livro que pertencia à sua irmã, demonstrando conhecimento e sabedoria, ao discorrer sobre a obra. Há o gracejo por parte do professor, pois foi um conhecimento adquirido além dos muros da escola e apesar da escola. Não retoma a ideia, que poderia transfigurar-se em conteúdos para serem explorados, mas segue adiante em suas consultas sobre os aprendizados.

Uma aluna, fachada triste, chega-se a ele, e, a sós, diz não ter aprendido nada, mas que não quer ir para um curso profissionalizante, provavelmente, destino dos que são rotulados como menos aptos. O professor não dialoga e nada acrescenta, nem simula espanto, fica impassível frente ao exposto pela aluna.

Fim de ano!



Sala vazia, classes em desalinho, pátio cheio de uma alegria indolente de um jogo de futebol, entre professores, com alunos, como se a alegria da escola se resumisse a isso. Baldi, um aluno, espera, gastando energia em flexões, o sol tinge Jigbin. Tudo é energia para os alunos, frente ao cansaço evidente dos professores. Onde a ruidosa alegria dos alunos? Certamente encontra-se além dos muros de qualquer escola, onde a vida palpita pela própria arte de viver.